



O CARAPUCEIRO,

PERIODICO SEMPRE MORAL, E SO' PER ACCIDENS POLITICO!

*Hunc servare modum nostri novere libelli.
Parcere personis, dicere de vitiis.*
Marcial Liv. 10. Epist. 33.

Guardarei n'esta Folha as regras boas,
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

PERNAMBUCO NA TYPOGRAFIA FIDEDIGNA DE J. N. DE MEILO.

O ABSOLUTISTA, E O DEMAOGO:

Que a natureza humana he limitada, e finita não há mister demonstrar; porque he tão certa esta proposição, como que a morte he partilha inevitavel de todos os animaes. As nossas idéas pois, nossos sentimentos, nossas paixões, e acções tem hum termo prefixo, além do qual não nos he dado passar; e d'aqui a razão, e justeza do sabio principio de Aristoteles, *que a virtude em todas as cousas está na mediania: in medio consistit virtus, si extrema sunt vitiosa.* O que gasta de mais chama-se prodigo, ou perdulario, o que nem o necessario gasta chama-se avarento, sovina, tacaõ, forragaitas, etc.: onde está a virtude a este respeito? No meio, que he; ser econo-

mico: até a Religião, primeiro dos deveres do homem, e manancial fecundo de toda a sua felicidade, se declina para hum extremo, conduz á impiedade, se para outro extremo degenera em fanatismo: e he de advertir, que os excessos oppostos produzem quasi sempre identicos effeitos. O prodigo, por ex., torna-se tão prejudicial a o Estado, como o avarento, e o fanatico não damnifica menos a sociedade, do que o impio, ou irreligioso.

A Historia, e a quotidiana experiencia nos ensina, que assim como há fanaticos de Religião, tãhem os há dos systemas politicos, e quer n'hum, quer n'outro caso sempre dirigidos por hum egoismo incorporeavel. O absolutista he idolatra do poder do Principe, o demagogo do

poder do Povo, ambos lizonjeiros, ambos adulares, ambos interesseiros de cabedares, distincções, ou mando. O absolutista, não achando sobre a terra argumentos, que sustentem o seu desvario, vai inquietar o Ceo; recorre aos Livros Sanctos, normas da consciencia, e não da Politica, ajôja o throno com o Altar, e vê na auctoridade dos Reis não huma instituição social, mas huma imediata emanação da Divindade, delirio, que não pôde ter cabida, se não no espirito dos velhacos, ou em cerebros, que padecem alguma lezaõ organica. O demagogo, derivando a soberania da simples existencia, colloca o poder indistinctamente na massa do Povo, quer, que todo, e qualquer individuo goze dos direitos politicos só pelo simples facto de ser homem, de maneira que em seu extravagante systema são fracções da soberania assim os sabios, como os ignorantes, tanto o trabalhador, como o vadio, o rico, e o mendigo, o homem honrado, e o ladrão, o assazado, e o louco, etc. etc. Depois imagina hum paradoxo, denominado *vontade geral*, e della deriva o justo, e o injusto; e chama lei, não o que he conforme a os principios eternos da natureza do homem; porém sim a expressã dessa intitulada vontade geral, de maneira que quando o Povo Romano invadia, e roubava Nações inteiras, que lhe ficavam mui distantes, e o não haviam offendido; a invasão, e o roubo tornavam-se acções justas; porque eraõ da vontade geral desse Povo ambicioso!

O absolutista endeoza o Principe; porque tem a mira em ser huma especie de sacerdote desse idolo; o de-

magogo endeoza o Povo, sanctifica todas as suas acções, dá-lhe hum poder ilimitado, e discrecional; porque espera ser hum dos escolhidos para a governança, e locupletar-se grandemente á custa do mesmo Povo, e a titulo de extremado patriota. O absolutista espreita os caprixos do Monarca para amoldar-se a elles, e tudo lhe louva, e aplaude; o demagogo consulta a paixão dominante do Povo para a lizonjear, e servir. O absolutista em tudo vê sediciosos, perturbadores, revolucionarios; o demagogo chama serviz, escravos, e infames a quantos não concorrem para a sua elevação popular; finalmente o absolutista busca o seu interesse, ou gosto particular á sombra do poder do Principe; o demagogo procura grangear o seu á sombra do poder do Povo. Ambos caminhaõ a o mesmo fim por diferentes meios, ambos são cobiçosos, ambos verdadeiros inimigos da sociedade.

E com effeito que differença real há entre o perverso Sejano, privado de Tiberio, e hum facinoroso Catilina? Ambos serviraõ aos seus idolos; o primeiro a o feroz Monarca, o segundo a o Povo desenfreado: ambos encherã de sustos, de prantos, e mortes a consternada Roma. Se o sanguinario absolutista, e manhoso monstro Duque d'Alba se gloriava de ter votado á morte tantos milhares de briosos Batavos; o demagogo, e infernal Robespierre folgava de tomar café na occasião, em que centenaes de victimas caminhavam á fatal guilhotina por sua sentença, influencia, ou mando. Se he ainda hoje de testada a memoria dos absolutistas Perenio (valido do Imperador Com-

modo) Planciano (creatura de Severo) Jacob de Appiano (privado de Gambacorti Principe de Piza), e o celebre Godois (Principe da Paz); não he, nem será menos execrada a sanguinolenta memoria de hum Marat, de hum Danton, de hum Couthon, Saint Juste, Billaud de Varennes, Barnave, Barrere, e outros muitos demagogos da Revolução Franceza.

Desta exaggeração de principios tem nascido em huns o cégo aferro á Monarquia, em outros a o systema Republicano, de sorte que os primeiros não querem ver vantagens, se não no Governo de hum Principe; os segundos só encontram liberdade, onde existe Republica. Que cegueira, que demencia! Quem não conhece, que a França, por ex., he hoje muito mais prospera, do que foi a Republica Romana? Quem negará por outra parte, que os Americanos do Norte são incomparavelmente mais felizes, do que a pobre Hespanha sob o Reinado do fradesco, e perfido Fernando 7.º? As formas de Governos são cousas secundarias: a principal he a enriquerção, e industria dos Povos. Eu muito aprecio sem duvida as formas livres; porém prefiro sempre essas duas condições.

Por mais que se cansem os absolutistas, e demagogos por descobrir a origem da soberania, ou poder supremo; a verdade he, que de facto em todo, e qualquer paiz o poder supremo anda nas mãos dos mais esportos, e sabidos, e isto, assim em Constantinopla, como na America Inglesa: ali o poder supremo rezide verdadeiramente nos aulicos, que blo-

quead o despota, aqui está em huma pequena porção de homens mais sagazes, mais emprehendedores, e felizes; com esta differença porém, que pelos principios da educação geral os espertalhões da Turquia são huns velhacos muito impostores, e egoistas, e os espertalhões Americanos; por isso que tem costumes infinitamente melhores, são mais bem intencionados, e trabalhão para si, e para o bem publico. Estes em ultima analyze he, que são os soberanos de facto, ainda que de direito se escreva a cada passo, que a soberania rezide no Povo; e os demagogos incluaõ neste numero a todo o animal, que anda em dous pés, e tem o dom da palavra: mas a final de contas os taes creaturas, servos, e idolatras do Povo soberano vão-lhe fazendo taes excepções, que por ultimo o poder supremo só rezide real, e perfeitamente em menos da vigesima parte de qualquer Povo.

Todavia bem longe estou de reprovar este phenomeno; porque se poder he synonymo de força regular; como se compadece com os principios da boa ordem, e prosperidade social, que esta força esteja repartida igualmente por hum sabio, e hum tolo, por hum proprietario, commerciante, agricultor, artista, etc.; e hum calaceiro, hum salteador, hum réo de policia, etc. etc. Todo o homem, só por que o he, deve sem duvida gozar de todos os direitos civis: mas dos direitos politicos, que são os que propriamente constituem a soberania, só devem gozar o proprietario, o empregado publico, o agricultor, o negociante, o alfaiate, o capateiro, o pedreiro, e quan-

tos em fim subsistem do seu trabalho, ou industria. Na collecção destes todos he, que em meu humilde entender reside a soberania de direito; porque estes he, que tem interesse na harmonia, e prosperidade nacional: estes são por outro nome os cidadãos activos; os mais dividem-se em passivos, e meros locatarios.

Estes principios não são certamente bebidos na fonte lodosa, e impura do Contracto Social de J. J. Rousseau, e dos furiosos energúmenos da Revolução Franceza; são principios extrahidos de Aristoteles, de Cicero, de Benjamin Constant, de hum Bentham, de hum Conte, de hum Royé-Colard, de hum Guizot, de hum Pagès, de hum Torombert, e outros sabios, escarmentados por huma triste, e funestissima experiencia. Devo finalmente confessar com toda a franqueza, que sei prezar em muito o Governo Republicano; pois muito estúpido cabe, que seja quem se não desvive pela prosperidade dos Anglo-Americanos; e até inclino-me a crer, que a Republica será o paradeiro inevitavel do nosso Brazil. Ainda mais entendo (e creio, que ja o publiquei) que nos cumpre aplanar o caminho para esse infallivel resultado; e tal me parece ser o regimen Federativo, de que tanto havemos mister: mas o que não sei approvar he, que se queira já o Regimen Republicano, para o qual o Brazil não está preparado, attentas todas as suas circumstancias. A Re-

publica virá sim a seu tempo, quando formos mais instruidos, mais morigerados, mais industriosos: quando deixarmos de mercadejar am carne humana, e de tirar quazi toda a nossa subsistencia de braços escravos.

As revoluções Nacionais, são como as fizicas: não he o homem, que as faz; he a natureza das cousas. Certa quantidade de vapores, elevados sobre a athmosphera, certa massa de materia electrica produzem os trovões, que depuram o ar, abalam a terra, etc.: assim certo grau de illustração, e de cultura, certos habitos, certas precizes, que pouco, e pouco vão calando no animo dos Povos, trazem por si mesmas as Revoluções, que mudam ás vezes inteiramente a face dos Imperios. Promover pois mudanças prematuras, ou he de hum louco ambicioso, ou se há boas intenções, falta a devida prudencia; e neste oazo o remedio longe de curar, só serve de exacerbar os males. Não desconheço, quanto estas minhas doutrinas devem de amargar a certos espiritos vertiginosos, e turbulentos, que entendem, podem fazer-se revoluções, como se fazem *sandangos*: mas não importa: basta-me a approvação dos cordatos, e o testemunho da minha consciencia, que me não argue de espalhar principios, que possam perturbar a doce paz, e prosperidade da minha Patria, á qual dezejo a ventura compativel com os seus habitos, luzes, e costumes.



O CARAPUCEIRO,

PERIÓDICO SEMPRE MORAL, E SO' PER ACCIDENS POLITICO.

*Innoferare modum et stri-novere libelli
personas, acce- vitiis.
Marcia' 10. Epist. 33.*

Guardarei n'esta Folha as regras boas,
Que he dos vícios fallar, não das pessoas.

PERNAMBUCO NA TYPOGRAFIA FIDEDIGNA DE J. N. DE MELLO.

O ASSOCIISTA, E O DEMAGOGO.

Que a natureza humana he finita
e finita não é mister demons-
trar, porque he tad certa esta propo-
zição, como que a morte he partilha
inevitavel de todos o animaes. As
nossas idéas pois, nossos sentimen-
tos, e nossas paixões, e accões tem
um termo prefixo, além do qual
não nos he dado passar; e d'aqui a
razão, e justiça do sabio principio

*virtutes, que a virtude em to-
casas está no modum: ut*

virtus, si extrema

O que gasta de mais
prodigo, ou perdulário, o

o necessario gasto, e ma-se

o, e a razão, e a justiça
este res

mico: até a Religião, primeiro q
ueveres do homem, e
cundo de toda a sua liberdade, se
declina para hum extremo, e conduz
á impiedade, se para outro extremo
degenera em fanatismo: e he de ad-
vertir, que os excessos oppostos pro-
duzem quasi sempre identicos effei-
tos. O prodigo, por ex, torna-se tad
prejudicial a o Estado, como o avar-
rento, e o fanatico não damifica
menos a sociedade, do que o impio,
ou irreligioso.

A Historia, e a quotidiana experi-
encia he ensinad, que assim como
ha fanaticos de Religião, taobem os
he dos sys mas para compor
n'hum, quer n'outro caso he di-
rigidos per hum egoismo, e compor-
tavel. O fanatismo he idolo do
moder do Principe, o demagogo

no ovo ambos lizonjeiros, ambos ao lores ambos interesseiros de o laes, distincções, ou mando. O absolutista, não achando sobre a terra argumentos, que sustentem o seu desvario, vai inquietar o Céu; recorre aos Livros Sanctos, normas da consciencia, e não da Política, ajga o throno com o Altar, e se na auctoridade dos Reis não hum instituição social, mas hum immediata emanacão da Divindade, delicia que não pôde ser sabida, se não no espirito dos veltacos, ou em cerebros, que padecem alguma lezaõ organica. O demagogo, derivando a soberania da simples existencia, colloca o poder indistinctamente na massa do Povo, quer, que todo, e qualquer individuo goze dos direitos politicos só pelo simples facto de ser homem, de maneira que em seu extravagante systema são fracções da soberania assim os sabios, como os ignorantes, tanto o trabalhador, como o vadio, o rico, e o mendigo, o honrado, e o ladrão, o assazado, e o leão, etc. etc. Depois imagina hum paradoxo denominado *vontade geral*, e della deriva o justo, e o injusto; e chama lei, não o que he conforme a os principios eternos da natureza do homem; porém sim a expressão dessa intitulada vontade geral, de maneira que quando o Povo Romano invadia, e roubava Nações inteiras; que lhe ficavaõ muyto distantes, e o não haviaõ offendido a italya, e o roubo tornavaõ-se accões justas; porque eraõ da vontade geral do Povo ambicioso!

O absolutista endeeza o Principe, porque tem a munda e hum a escuridão de sacerdote desse titulo; o de-

magogo endeeza o Povo, e todas as suas accões, dá-lhe hum poder illimitado, e discrecional; porque espera ser hum deo para a governança, e locupletar-se grandemente á custa do mesmo Povo, e a titulo de extremado patriota. O absolutista espreita os caprixos do Povo para amoldar-se a elles, e tudo lhe louva, e aplaude; o demagogo consulta a paixão dominante do Povo para a lizonjar, e servir. O absolutista com tudo vê sedições, perturbações, revoluções; o demagogo chama servidão, escravidão, e infames a quantos não cooperam para a sua elevação popular; finalmente o absolutista busca o seu interesse, ou gosto particular á sombra do poder do Principe, o demagogo procura grangear o seu á sombra do poder do Povo. Ambos caminhaõ a o mesmo fim, mas por diferentes meios, ambos são cobiceiros, ambos são inimigos da sociedade.

E com effeito que differença real há entre o perverso Sejano, privado de Tiberio, e hum facinoroso Catilina? Ambos serviraõ aos seus idolos; o primeiro a o feto Monarca, o segundo a o Povo desenfreado: ambos encherãõ de sustos, de prantos, e mortes a consternada Roma. O sanguinario absolutista, e o monstro Duque d'Alba se gloria de ter votado á morte tanto milhar de briosos Povos; o demagogo infernal Robespierre, e os seus mar-caté na occisaõ de milhares de victimas caminhaõ guilhotinados por sua sentença, e ainda he a testada de Peran.

n.º 1) Cianciano (creatura de Severo) Jacob de Appiano (privado de Gambacorti Principe de Pisa), e o celebre Gadois (Principe da Paz); não he, nem será menos execrada a memoria de hum Marat, de hum Canton, de hum Comon, Saint Juste, Billaud de Varennes, Barnave, Barrere, e outros muitos demagogos da Revolução Francesa.

Desta exaggeração de principios tem nascido em uns o cégo aferrado á Monarquia, em outros o systema Republicano. De sorte que os primeiros não querem ver vantagens se não no Governo de hum Principe; os segundos só encontram liberdade, onde existe Republica. Que cegueira, que cegueira! Quem não conhece, que a França, por ex., he hoje muito mais prospera, do que foi Republicana? Quem negará, por outra parte, que os Americanos do Norte são incomparavelmente mais felizes, do que a pobre Hespanha sob o Reinado do fradesco, e perfido Fernando 7.º? As formas de Governos são coisas secundarias; a principal he a Monarchia, e industria dos Povos. E muito a preferir, sem duvida as formas Livres; e eu prefiro sempre essas duas palavras.

Por mais que se cansem os absolutistas, e demagogos por descobrir a soberania ou poder natural, a verdade he, que de facto *sunt vitia* e qual quer paiz o poder he sempre a soberania dos mais es. e os mais es. e isto, assim em Constantinopla como na America. He m.º qzide ver que bla...

quead o despota, aqui esta em huma pequena porção de homens mais sages, mais emprehendedores, e felizes; com esta differença porém, que pelos principios da educação geral os espartalhões da Turquia são hums vellicosos muito impoístores, e egoistas, e os espartalhões Americanos, por isso que tem costumes infinitamente melhores, são mais bem intencionados, e trabalhão para si, e para o bem publico. Estes em ultima analyza he, que são os espartalhões de facto, ainda que se o geito se escreva a cada passo, que a soberania rezide no Povo; e os demagogos incluaõ neste numero a todo o animal, que anda em dous pés, e tem o dom da palavra: mas a final de contas os taes creaturas, servos, e idolatras do Povo soberano não lhe fazem taes excepções, que por ultimo o poder supremo só rezide real, e perfeitamente em menos da vigesima parte de qualquer Povo.

Todavia bem longe estou de reprovar este fenomeno: porque o poder he synonymo de força regular; como se compadece com os principios da boa ordem, e prosperidade social, que esta força esteja repartida igualmente por hum sabio, e hum tollo, por hum proprietario, commerciante, agricultor, artista, etc.; e hum calaceiro, hum salteador, hum réu de policia, etc. etc.? Todo o homem, só por que o he, deve sem duvida gozar de todos os direitos civis; mas dos direitos politicos, que são os que propriamente constituem a soberania, só devem gozar o proprietario, o emprehendedor publico, o agricultor, o negociante, o annata te, o capitão, o pedreiro, e quar

tes em fim subsistem do seu trabalho, ou industria. Na collecção destes todos he, que em meu humilde entender reside a soberania de direito; porque estes he, que tem interesse na harmonia, e prosperidade nacional: estes sao' por outro nome os cidadãos activos; os mais dividem-se em passivos, e meros locatarios.

Estes principios não são certamente bebidos na fonte ledosa, e impura do Contracto Social de J. J. Rousseau, e dos furiosos energumenos da revolução Francesa; são principios extrahidos de Aristoteles, de Cícero, de Benjamin Constant, de Lum Bentham, de hum Conte, de hum Royé-Colard, de hum Guizot, de hum Pagès, de hum Torombert, e outros sabios, escarmentados por hum triste, e funestissima experiencia. Devo finalmente confessar com toda a franqueza, que sei prez em muito o Governo Republicano; mais muito estúpido cabe que seja quem se não desvive pela prosperidade dos Anglo-Americanos; e até inclino-me a crer, que a Republica será o paradeiro inevitavel do nosso Brazil. Ainda mais entendo (e creio, que ja o publiquei) que nos cumpre aplanar o caminho para esse infallivel resultado; e tal me parece ser o regimen federativo, de que tanto havemos mister: mas o que não sei approvar he que se queira já o Regimen Republicano, para o qual o Brazil não está preparado, attentas todas as suas circumstancias. A Re-

publica virá sim a ser, quando formos mais industriais, mais morigerados, mais industriosos; quando deixarmos de mercadejar a carne humana, e de tirar quazi toda a nossa subsistencia de braços e raios.

As revoluções Nacionais, são como as fizicas: não he o homem, que as faz; he a natureza das cousas. Certa quantidade de vapores elevados solve a atmosphera, e certa massa de materia condensada produz os trovões, e depura o ar, abalaõ a terra, e assim a certo grau de illustração, e de cultura, certos habitos, certas precizões, que pouco, e pouco vão calando o animo dos Povos, trazem por si mesmas as Revoluções, que mudão ás vezes inteiramente a face dos Imperios. Promover pois mudanças prematuras, ou he de hum homem ambicioso, ou se há boas intenções, falta a devida prudencia; e neste caso o remedio longe de curar, só serve de exacerbar o mal. Não desconheço, quanto estas minhas doutrinas devem de amargar a certos espiritos vertiginosos, e turbulentos, que entendem, podem fazer-se revolução como se fazem fundangos: mas não importa: basta a approvação do cordato, e testemunho da consciencia, que me não argua espalhar principios, que possam perturbar a doçura, e prosperidade da minha Patria, á qual desejo a ventura com que vive com os seus habitos, luzes,